

**PAPILLOMA VIRUS HUMANO NA PERSPECTIVA DA PROMOÇÃO DA SAÚDE:  
REVISÃO NARRATIVA**

**Human Papillomavirus and health promotion: a narrative review**

Isabel Cristina Pacheco van der Sand<sup>1</sup>, Jonathas Alan Torquetti<sup>2</sup>, Fernanda  
Beheregaray Cabral<sup>3</sup>, Eder Luiz Arboit<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Doutora em Ciências, professora Adjunta do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões (UFSM/PM).

<sup>2</sup> Enfermeiro Egresso do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões (UFSM/PM).

<sup>3</sup> Doutora em Ciências, professora Adjunta do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria, campus Palmeira das Missões (UFSM/PM).

<sup>4</sup> Mestre em Enfermagem, professor do curso de Enfermagem da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).

**Endereço para correspondência:**

Isabel Cristina Pacheco van der Sand  
Rua Angelo Strapazon, 310, Centro, Ijuí/RS.  
Email: isabelvan@gmail.com

### Resumo

Estudo com objetivo de conhecer a produção dos últimos dez anos, em publicações brasileiras e de língua espanhola, sobre promoção da saúde, via educação, para redução das taxas de infecção pelo HPV/câncer do colo do útero. Trata-se de revisão bibliográfica do tipo narrativa, baseada na descrição simplificada de estudos e informações sobre determinado assunto, com base em 16 passos. Da busca realizada na Biblioteca Virtual de Saúde, após os refinamentos, oito artigos compuseram o *corpus* amostral da pesquisa. Das publicações analisadas, percebeu-se que o conjunto centrou-se em três categorias, definidas a partir do modelo teórico CAP, que utiliza o conhecimento, atitudes e práticas para mapear o cenário educacional de uma comunidade e, a partir disso, avaliar a necessidade de intervenção: *“conhecimentos acerca da infecção pelo HPV e sua relação com o câncer do colo do útero; atitudes e práticas promotoras e não promotoras de saúde relativas à infecção pelo HPV e câncer do colo do útero; práticas de promoção da saúde, com foco na educação para prevenir o HPV e o câncer do colo do útero”*. O estudo contribui no sentido de evidenciar o *déficit* de conhecimento dos sujeitos dos estudos acerca da temática e a necessária reorientação das práticas de promoção à saúde e prevenção de agravos, em especial no campo do ensino. Reforça a necessária busca de equidade na corresponsabilidade da prevenção do HPV entre homens e mulheres e de ações de promoção da saúde pelos profissionais.

**Palavras-chave:** Enfermagem; Papiloma Vírus Humano; Educação em saúde; Promoção da Saúde.

---

### Abstract

The aim of this research is to know the production of the last few years about health promotion to reduce the infection rates by HPV/Cervical cancer, by education, in Brazilian publications as well as those in Spanish language. It is a bibliographic narrative review, based on a simplified description of studies and information about certain subject, based on 16 steps. From the initial research, realized on the Biblioteca Virtual de Saúde, we reached 8 essays to compose the corpus of the research. Proceeding with the analysis of the publications, we noticed that the great amount of them was centered in three categories, defined from the CAP theoretic

model, which uses knowledge, attitudes and practices to map the educational setting of a community, and then, evaluate the need for intervention: “knowledge about HPV infections and their relation with cervical cancer; attitudes and practices that do promote or do not promote health related to HPV infection and cervical cancer; practices of health promotion, focused on the education to prevent HPV and cervical cancer. The study may contribute in the sense of evidencing the deficit of knowledge of the subjects of the studies about the theme and the need for reorientation of the practices of health promotion and prevention injuries, especially, on the educational field. Thus, the study reinforces the need for equity in the co-responsibility for the HPV prevention among men and women, as well as actions to promote health by the professionals.

**Keywords:** Nursing; Papillomaviridae; Health Education; Health Promotion.

---

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema a infecção pelo Papiloma Vírus Humano (HPV) e suas interfaces com o câncer do colo do útero e a promoção da saúde via educação. O HPV, com 150 subtipos, é altamente contagioso, instala-se por contato direto com a pele e/ou mucosas, afeta ambos os sexos, sendo considerado uma infecção sexualmente transmissível (IST)<sup>1</sup>. Muitos dos subtipos podem infectar o trato genital e outros afetam as áreas da pele, boca e garganta.

Assim, pessoas em contato com secreções orgânicas podem contrair o HPV<sup>1</sup>, com risco de contaminação em uma única exposição. O vírus pode propagar-se também por meio de contato com objetos, toalhas, roupas íntimas e até pelo vaso sanitário contaminados<sup>2</sup>. O HPV é eliminado pelo sistema imunológico espontaneamente ou pode hospedar-se no organismo durante anos de maneira latente, sem manifestação, podendo já ser transmitido. Assim, determinados subtipos de HPV podem persistir por períodos longos, provocando alterações celulares, as quais se caracterizam como lesões pré-malignas que podem evoluir para neoplasias<sup>1-3</sup>.

Atualmente, é a IST mais frequente no mundo<sup>4</sup>, estando entre as dez principais causas de procura por serviços de saúde. Estima-se que cerca de 80% da

população sexualmente ativa adquirirá um ou mais subtipos de HPV em algum momento da vida<sup>1</sup>. No Brasil, prevê-se que 9 a 10 milhões de pessoas sejam portadoras do vírus e que se registrem 700 mil novos casos a cada ano.

Em todo o mundo, cerca de 10% das mulheres têm HPV. Entre elas, de 30% a 50% são menores de 25 anos<sup>2</sup> e, muitas vezes, a aquisição se dá nos primeiros dois a três anos de vida sexual ativa, em idades mais jovens<sup>1</sup>. Evidências recentes indicam que cerca de 50% das mulheres contaminaram-se com o vírus meses antes da primeira relação sexual, provavelmente por contato mais íntimo com seus parceiros<sup>2</sup>. Assim, 10% das mulheres com citologia cervical normal, testadas em algum momento, são positivas para HPV<sup>1</sup>.

O HPV causa cerca de 70% dos casos de câncer do colo do útero em todo o mundo, sendo que os subtipos 16 e 18 relacionam-se com essa neoplasia<sup>3-4</sup>. Eles são responsáveis também por até 90% dos casos de câncer de ânus, até 60% dos de vagina, até 50% dos de vulva e aproximadamente 90% das verrugas genitais, contribuindo para um dos problemas de saúde mais comuns, cujas taxas são crescentes no mundo. O HPV, por sua relação com o câncer do colo do útero, é a primeira causa de morte em mulheres de 15 a 44 anos<sup>1-3</sup>.

O uso de preservativo masculino possivelmente consiga barrar cerca de 70% e 80% das transmissões do HPV<sup>1</sup>. Dessa forma, é muito importante que as pessoas tenham acesso a informações sobre o vírus, suas implicações com a saúde e formas de prevenção, pois uma abordagem combinada de imunização contra o HPV e rastreamento do câncer do colo do útero é eficaz para a redução das complicações decorrentes do vírus<sup>2-3</sup>.

Daí a importância em buscar-se formas de promoção da saúde, que repercutam na redução das taxas do câncer do colo do útero, dentre as quais está a educação em saúde<sup>1</sup>. Destaca-se que a noção de promoção da saúde, neste estudo, vai ao encontro dos aportes da I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, constantes na Carta de Ottawa. Refere-se, assim, “ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo”<sup>5</sup>.

Contudo, cabe assinalar que a educação, em seus moldes tradicionais, não dá conta da promoção da saúde preconizada na Carta de Ottawa, pois nesse modelo transmite-se aos sujeitos o conhecimento de forma prescritiva sem

considerar a realidade individual, social e cultural em que ele está inserido. Nessa perspectiva, quando os sujeitos desconsideram a prescrição, tornam-se culpados por seus problemas de saúde, ignorando-se que, em verdade, são originários ou influenciados também por fatores sociais, culturais e financeiros. A esse fenômeno denomina-se “culpabilização da vítima”. Nessa lógica, o profissional isenta-se de sua responsabilidade acerca das condições de saúde da população e seus processos de adoecimento, ancorando-se em um modelo paradigmático descontextualizado da realidade comunitária e que é, em consequência, ineficaz<sup>6-7</sup>.

Atualmente, esforços governamentais são empreendidos no sentido de garantir formas de educação em que os sujeitos sejam protagonistas do processo educativo<sup>6</sup>. Com isso, a culpabilização do indivíduo tende a ser superada, visto que mudanças são operadas nas práticas e conceitos de saúde. Nessa acepção, a saúde é entendida como resultante das condições de vida da população, influenciadas por fatores socioeconômicos, tendo as suas práticas voltadas prioritariamente para sua promoção e à prevenção de vulnerabilidades, doenças e agravos, e não somente para cura<sup>6-7</sup>.

No bojo desses esforços, e alinhando-se às propostas da Reforma Sanitária, um novo modelo de atenção em saúde passou a ser definido, voltando-se para a promoção da saúde e a integralidade no atendimento. Este cenário propiciou a proposição da educação popular em saúde, que se dá em uma perspectiva política, pautada no diálogo e em trocas de saberes entre o educador e o educando, em que o saber popular é valorizado. Esta proposta vincula-se à mobilização social organizada, com o objetivo de construir uma sociedade de acordo com os interesses populares, auxiliando na conquista da autonomia e de direitos, a partir da problematização do mundo-vida dos sujeitos e seus grupos sociais<sup>6-7</sup>.

Desde essa perspectiva, para que os profissionais de saúde, incluídos os enfermeiros, contribuam com os usuários de seus serviços nessas conquistas, as quais refletem nos indicadores de saúde, é necessário que avaliem seu *modus operandi*. Com isso, estarão a analisar a eficácia de suas ações, dentre as quais as pessoas vulneráveis à infecção pelo HPV.

Considerando-se esses apontamentos, o objetivo deste estudo é conhecer a produção dos últimos dez anos, em publicações brasileiras e de língua espanhola,

sobre promoção da saúde, via educação, para redução das taxas de infecção pelo HPV e, em consequência, do câncer do colo do útero.

## **METODOLOGIA**

Considerando-se o objetivo delineado, este estudo trata-se de uma revisão narrativa de literatura (RNL). Este tipo de revisão é indicado para o levantamento da produção científica existente e para a (re)construção de redes de pensamentos e conceitos, que articulam saberes de diversas fontes na tentativa de trilhar caminhos na direção desejada. Ela se fundamenta na exposição simplificada de estudos e informações sobre determinado assunto, produzindo discussão crítico-reflexiva em forma de ensaio teórico, superando o formato de um mero levantamento bibliográfico<sup>8</sup>.

A partir da definição de determinada temática, a fim de superar possíveis lacunas no processo de elaboração de uma RNL e de assegurar a validação de credibilidade dos achados, autores que se dedicam a esse tipo de estudo propõem o seguimento de 16 passos. Com isso, pretende-se, ainda, garantir o rigor necessário a todo método de pesquisa<sup>8</sup>.

Por se tratar da análise de uma produção científica, uma RNL deve preocupar-se com as questões de autoria, com a sugestão, na proposta metodológica aqui adotada, de seguir os preceitos da Lei n. 9.610, a fim de preservar e respeitar as ideias, os conceitos e as definições dos autores das produções analisadas, as quais devem ser apresentadas fidedignamente, descritas e citadas<sup>8</sup>.

Com bases nesses 16 passos, alguns dos quais já constantes no projeto de pesquisa elaborado para este estudo, definiu-se como pergunta norteadora da revisão: “O que tem sido produzido nos últimos dez anos em publicações brasileiras e de língua espanhola, do campo da saúde, acerca da promoção da saúde, via educação, com vistas à redução das taxas de infecção pelo HPV e, em consequência, do câncer do colo do útero?”.

Como portal de busca elegeu-se a Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), especificamente o Portal Regional. Para operacionalização da busca optou-se pelos seguintes descritores (ou seus sinônimos), os quais constam nos Descritores em

Ciências da Saúde (DeCS): HPV; Promoção da Saúde; Educação em Saúde; Adolescente. Estes foram unidos pelo operador booleano *AND*, da seguinte forma: HPV *and* Promoção da Saúde; Papillomaviridae *and* Promoção da Saúde; Papillomaviridae *and* Educação em Saúde; HPV *and* adolescente *and* educação em saúde.

Destaca-se que a opção pelo descritor “adolescente” se deu, em especial, pela introdução de imunológico contra o HPV no calendário nacional de imunizações do SUS para contingente populacional que abrange a adolescência (meninas de nove a treze anos).

Como critérios de inclusão para a busca, os resultados oriundos dessa combinação de descritores foram filtrados da seguinte forma: textos completos; idiomas português e espanhol; país de afiliação (Brasil e países de língua espanhola); recorte temporal dos últimos dez anos (2006 a 2015); artigos originais. Foram excluídos da revisão: teses, dissertações, artigos de revisão, notas prévias, comentários ou editoriais e relatos de experiência.

A opção pelo recorte temporal fundamentou-se na rapidez com que as informações veiculadas em mídias informatizadas circulam atualmente, considerando-se que o tempo de dez anos é suficiente para obtenção de informações atualizadas, adequadas às finalidades deste estudo<sup>9</sup>. Além disso, com essa opção buscou-se analisar se, após a implantação da vacina contra o HPV, um marco na prevenção desse agravo, houve modificação no volume e/ou na abordagem das publicações acerca do tema investigado na revisão.

De posse dos artigos selecionados por meio dessa busca e filtragem, dois pesquisadores fizeram, em separado, a leitura dos seus resumos, identificando os que diziam respeito à promoção da saúde, incluídos os aspectos de educação em saúde, relativos à infecção pelo HPV e que tivessem associação com o câncer do colo do útero. Nesse processo selecionaram-se as publicações que apresentavam expressões cujo sentido ou significado remetesse à pergunta norteadora da revisão, por exemplo: práticas educativas, educação em saúde, educação popular, educação permanente, educação continuada.

A constituição do *corpus* amostral deu-se após a discussão entre os dois pesquisadores acerca das impressões sobre os resumos (Fluxograma da busca e seleção das publicações que constituíram a amostra no Quadro 1). Não houve

necessidade da opinião de um terceiro pesquisador, que serviria de juiz em caso de discordância. O corpo amostral resultou, após esta etapa, em oito publicações, cujas referências encontram-se no Quadro 2. Cabe sinalizar que cada um desses artigos recebeu um código para sua identificação dentro deste texto, constituído pela letra A (referente a artigo) e um número de um a oito (correspondente ao tamanho da amostra e à lista constante no Quadro 2).

Esses foram lidos na integralidade e, após essa leitura, buscou-se apreender os seguintes elementos de cada publicação, preenchendo-se um instrumento composto pelas variáveis<sup>9</sup>: a) elementos pré-textuais - profissão e titulação acadêmica do primeiro autor; país de origem da publicação e área de conhecimento principal do periódico; b) elementos textuais - objetivos do estudo; abordagem metodológica; tipo de pesquisa; população; resultados e discussão; conclusões.

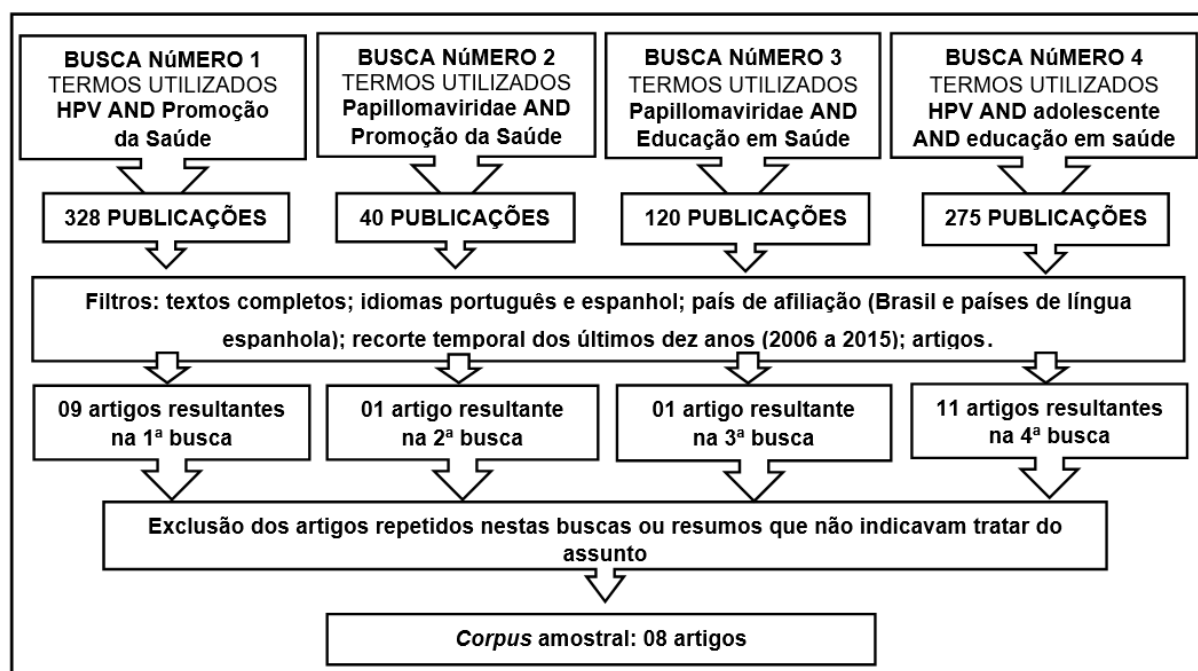
A análise dos dados relativos aos elementos pré-textuais e parte dos textuais se deu por meio de descrição simples, apontando os números absolutos relativos às variáveis analisadas. No processo analítico dos resultados e conclusões constantes na amostra optou-se pela análise de conteúdo temática, operacionalizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados<sup>10</sup>. Na primeira etapa, fez-se uma leitura flutuante de cada artigo componente da amostra e, em seguida, uma leitura aprofundada, com vistas a uma impregnação das informações contidas em cada texto; na etapa da exploração realizou-se a categorização dos dados, quando os textos sofreram recortes em unidades de registro por semelhança de significado e sentido, que foram agrupadas a partir de suas afinidades temáticas, tendo como definidores as dimensões do Modelo Conhecimento, Atitudes e Práticas (Modelo CAP), utilizado em outros estudos<sup>11-12</sup>; na fase de interpretação buscou-se a compreensão e interpretação dos dados, integrando-os ao referencial teórico da educação e promoção da saúde.

O Modelo CAP tem sido empregado para mapear o cenário educacional de uma comunidade e, então, avaliar a necessidade de intervenção nesse nível<sup>12</sup>. A dimensão do **conhecimento** refere-se, dentre outras capacidades, à habilidade para aplicar fatos específicos para a resolução de problemas ou, ainda, emitir conceitos com a compreensão adquirida sobre determinado evento. Seria, em nossa opinião, uma dimensão mais associada à esfera cognitiva. A dimensão **atitude**, por sua vez, é, essencialmente, ter opiniões. É, também, ter sentimentos, predisposições e



crenças, relativamente constantes, dirigidos a um objetivo, pessoa ou situação. Relaciona-se ao domínio afetivo, isto é, abrange a dimensão emocional<sup>11</sup>. Já a **prática** diz respeito à tomada de decisão para executar a ação. Relaciona-se aos domínios psicomotor, afetivo e cognitivo, ou seja, tem dimensão social<sup>11</sup>.

**Quadro 1.** Fluxograma ilustrativo das buscas realizadas junto à BVS com os respectivos resultados. Palmeira das Missões/RS, 2016.



**Quadro 2.** Lista de referências relativa ao *corpus* amostral desta revisão. Palmeira das Missões/RS, 2016.

|           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>A1</b> | Tamayo-Acevedo LS, Gil-Cano PA, Tamayo-Acevedo LE. Lo que no se ve, no existe: percepciones sobre câncer y papilomavirus humano en jóvenes universitários. Aquichan. [Internet]. 2015;15(2):253-70. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <a href="http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=741400600008">http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=741400600008</a>                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>A2</b> | Camaño-Puig R, Sanchis-Martinez MM. Vacuna contra el virus del papiloma humano en adolescentes: Análisis mediante grupos focales. Rev. salud pública. [Internet]. 2014;16(5):647-59. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <a href="http://www.scielo.org.co/pdf/rsap/v16n5/v16n5a01.pdf">http://www.scielo.org.co/pdf/rsap/v16n5/v16n5a01.pdf</a>                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>A3</b> | Reis AAS, Monteiro CD, Paula LB, Santos RS, Saddi VA, Cruz AD. Papilomavírus humano e saúde pública: prevenção ao carcinoma de cérvix uterina. Ciênc. saúde coletiva [Internet]. 2010;15(Suppl 1):1055-1060. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1413-81232010000700012&amp;lng=en">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1413-81232010000700012&amp;lng=en</a> . <a href="http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000700012">http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000700012</a> . |
| <b>A4</b> | Machado MFAS, Araújo MAL, Mendonça LMC, Silva DMA. Comportamento sexual de mulheres com papiloma vírus humano em serviços de referência de Fortaleza, Ceará. RBPS, Fortaleza [Internet]. 2010; 23(1):43-7. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <a href="http://ojs.unifor.br/index.php/RBPS/article/view/1170/2291">http://ojs.unifor.br/index.php/RBPS/article/view/1170/2291</a> .                                                                                                                                                                                             |

|           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>A5</b> | Costa, LA, Goldenberg P. Papilomavírus humano (HPV) entre jovens: um sinal de alerta. <i>Saude soc.</i> [Internet]. 2013;22(1):249-61. [acesso em 2016 mai 14]. Disponível em: <a href="http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v22n1/22.pdf">http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v22n1/22.pdf</a> .                                                                                             |
| <b>A6</b> | Gómez MLA, Lince SAP. Conocimientos que tienen los estudiantes de una universidad pública de Manizales sobre el Papillomavirus humano. <i>Hacia promoc. Salud</i> [Internet]. 2011;16(1):110-23. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <a href="http://www.redalyc.org/pdf/3091/309126695008.pdf">http://www.redalyc.org/pdf/3091/309126695008.pdf</a> .                              |
| <b>A7</b> | Cirino FMSB, Nichiata LYI, Borges ALV. Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e HPV em adolescentes. <i>Esc. Anna Nery Rev. Enferm.</i> [Internet]. 2010;14(1):126-34. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <a href="http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n1/v14n1a19.pdf">http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n1/v14n1a19.pdf</a>                           |
| <b>A8</b> | Jimenez Herrera LG. Conocimiento de estudiantes de la universidad de costa rica sobre el virus de papiloma humano, durante el II ciclo lectivo del año 2006, <i>Rev. costarric. salud pública</i> [Internet]. 2007;16(31):42-7. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <a href="http://www.scielo.sa.cr/pdf/rcsp/v16n31/3751.pdf">http://www.scielo.sa.cr/pdf/rcsp/v16n31/3751.pdf</a> |

## RESULTADOS

Da análise constatou-se que a maior parte da amostra foi publicada em **periódicos** dos campos da saúde pública e saúde coletiva, com 06 artigos (**A2, A4, A5, A8, A1** e **A3**, respectivamente), seguido de revistas da enfermagem (**A6** e **A7**).

Quanto à **distribuição temporal**, o ano de maior concentração de publicações foi 2010, com 03 artigos (**A3, A4, A7**). As demais distribuíram-se em uma a cada ano, de 2007 a 2015 (**A8, A6, A5, A2, A1**), sem publicação nos anos 2008, 2009 e 2012.

Quanto à **profissão e titulação** do primeiro autor de cada publicação, alguns periódicos não contêm esta informação. Assim, para se ter ideia sobre quais profissões se dedicam ao estudo da temática desta revisão, buscaram-se, por meio de ferramentas da *internet* (plataforma Lattes, para autores brasileiros, e busca no *Google*, para os demais) tais dados. Constatou-se que 04 autores são da área da enfermagem, sendo que dois ainda são estudantes. Dentre os demais, nas publicações que continham tal dado, verificou-se que 02 são biólogos e 01 é farmacêutico. Já no que se refere à titulação, 08 são doutores, 03 mestres, 02 estudantes e 01 é licenciado, titulação que em alguns países equivale ao bacharelado de nosso meio.

No que diz respeito à **origem das publicações**, houve um predomínio de periódicos brasileiros, com 04 publicações (**A3, A4, A5, A7**), seguido de 02 revistas colombianas (**A1, A6**), 01 costarriquenha (**A8**) e outra espanhola (**A2**).

Quanto aos **objetivos**, 05 dizem respeito a percepções e/ou conhecimento dos participantes do estudo acerca da infecção pelo HPV de sua relação com o câncer do colo do útero e outros tipos de cânceres (**A1, A5, A6, A7, A8**). Alguns estudos têm como objetivo analisar comportamento e/ou prática sexual dos participantes estudados, cabendo destacar que, destes, dois tratam também de conhecimentos (**A4, A5, A7**). Um estudo busca analisar as causas que afetam a tomada de decisão relativa à vacinação contra o HPV (**A2**). Por fim, há um que trata especificamente da aplicabilidade de uma cartilha educativa para promoção e prevenção de infecções e neoplasias ocasionadas pelo HPV (**A3**).

No que diz respeito aos **aspectos metodológicos**, particularmente acerca da abordagem, constata-se o predomínio de estudos quantitativos (**A3, A4, A5, A6, A7, A8**), seguido de 02 qualitativos (**A1, A2**). Dentre os de abordagem quantitativa, há 03 do tipo transversal (**A5, A6, A7**) e 03 são estudos descritivos e/ou exploratórios (**A3, A4, A8**), destacando-se que essa caracterização não se encontra na metodologia de dois deles, o que foi deduzido pela análise dos autores desta revisão (**A3, A4**). Já dentre os qualitativos, há um estudo etnográfico (**A1**) e o outro é classificado por seus autores como grupo focal (**A2**).

Especificamente relativo aos **participantes** das publicações analisadas, constatou-se maior proporção de universitários, em 04 estudos (**A1, A5, A6, A8**), seguido de adolescentes (**A2 e A7**), de mulheres portadoras de HPV (**A4**) e, por fim, de uma investigação que contou com voluntários de diferentes idades e sexo (**A3**). Exceto o estudo **A3**, todos envolveram populações jovens.

Quanto ao **local do estudo**, 04 foram realizados em universidades (**A1, A5, A6, A8**), 02 em órgãos públicos (**A3, A7**), um em instituição escolar de ensino médio (**A2**) e outro em serviço de saúde de referência (**A4**). Em relação às técnicas de **coleta de dados**, predominou o questionário (**A3, A4, A5, A6, A7**), seguido de grupo focal (**A1, A2**) e entrevista (**A8**).

Referente aos **principais resultados e conclusões** das publicações em análise, percebe-se que esse conjunto centra-se em três categorias, as quais foram definidas a partir de três dimensões que compõem o Modelo CAP<sup>11-12</sup>. Na perspectiva desse aporte conceitual, as três categorias apreendidas nesta revisão foram: 1) *conhecimentos acerca da infecção pelo HPV e sua relação com o câncer do colo do útero* (**A1, A2, A5, A6, A7, A8**); 2) *atitudes e práticas promotoras e não*

*promotoras de saúde relativas à infecção pelo HPV e câncer do colo do útero (A4, A5, A7); 3) práticas de promoção da saúde, com foco na educação para prevenir o HPV e câncer do colo do útero (A3, A4, A5).*

### **Categoria 1: Conhecimentos acerca da infecção pelo HPV e sua relação com o câncer do colo do útero**

Parte expressiva das publicações analisadas aborda, dentre suas principais preocupações, conhecimentos dos participantes sobre a infecção pelo HPV e sua associação com o câncer do colo do útero. Neste sentido, emerge da análise que, a despeito de algum conhecimento acerca da temática das IST, especificamente sobre o HPV os conhecimentos são deficitários (A2, A3, A5, A6, A7, A8).

Especificamente, o estudo espanhol representado por A2 revela que, apesar de os adolescentes conhecerem a associação entre o HPV e o câncer do colo do útero e as formas de transmissão da infecção, eles não mencionam o uso de preservativo como uma forma de proteção. Além disso, emergiu o desconhecimento sobre a proteção imunobiológica fornecida pela vacina anti-HPV.

No estudo A5, que trata especificamente sobre conhecimentos acerca do HPV e práticas sexuais entre jovens estudantes universitários, os autores mencionam que esse *déficit* evidencia concepções errôneas em relação às formas de transmissões do vírus, aos agravos à saúde em razão do vírus e às relações existentes com outros cânceres. Alguns destacaram que a infecção acomete mais as mulheres, sendo que é menos grave ou não se manifesta em homens, que são responsáveis apenas pela transmissão. Essa percepção, de acordo com os autores, explícita, de certa forma, diferenciais de gênero.

Em A6 foi identificado que os estudantes universitários, homens e mulheres, apresentam desconhecimento equitativo particularmente em aspectos relacionados ao tipo de lesões causadas pelo HPV, fatores de risco para infectar-se, métodos de prevenção e meios diagnósticos. No estudo A8, por sua vez, o desconhecimento foi maior entre as mulheres, especialmente em relação ao modo de transmissão e associação entre o vírus e o câncer do colo do útero. Ademais, de forma semelhante entre os sexos, emerge, nesse estudo, o desconhecimento relativo aos sintomas e existência de tratamento para a infecção pelo HPV.

Ao identificar características de conhecimentos de adolescentes mulheres sobre a prevenção do câncer do colo do útero e do HPV, bem como a associação entre ambos, o estudo **A7** destaca que grande parte não tem conhecimento adequado da temática e desconhecem o objetivo do exame Papanicolau. Essa investigação evidenciou, também, que as meninas com vida sexual ativa apresentaram maior percentual de respostas adequadas sobre prevenção do câncer do colo e HPV. As variáveis renda familiar e realização do exame Papanicolau tiveram associação positiva com o conhecimento acerca do HPV como principal agente etiológico do câncer do colo do útero. Os autores chamam a atenção para o fato de que a falta de conhecimento é o motivo principal para a não adesão ao exame citopatológico. Nesta perspectiva, mostram preocupação com o fato de aproximadamente um terço dos sujeitos terem mencionado IST prévia, o que os coloca em situação de maior vulnerabilidade relativa ao câncer do colo do útero. Segundo os autores, foram evidenciados, ainda, mitos, preconceitos e fantasias relacionados à sexualidade.

Para os universitários colombianos, sujeitos de **A1**, a família e a escola oferecem espaços insuficientes e, por vezes, inapropriados para esclarecer dúvidas acerca da sexualidade, o que contribui para que a temática emergja como um tabu e, em consequência, tenha reflexos não tão positivos na promoção da saúde desses jovens. Isto os motiva buscar informações sobre o HPV, por exemplo, nos meios de comunicação e a aprender por meio do diálogo com outros jovens, que se baseiam nos conhecimentos do saber popular, que se ancora no argumento de que: “*o que não se vê, não existe*”.

Esse argumento respalda a decisão desses universitários de procurar um profissional da saúde somente quando apresentam sinais e sintomas das infecções do trato reprodutivo. Apesar disso, reconhecem a importância de prevenir comportamentos de risco para a saúde sexual, relacionando o HPV com promiscuidade, início precoce das relações sexuais e câncer do colo do útero. Porém, cabe a ressalva de que responsabilizam as mulheres pela prevenção das infecções do trato reprodutivo e do HPV, o que se justifica, segundo os autores, em razão de a vacina contra o HPV ser administrada somente nas mulheres. Alguns universitários relacionaram o câncer anal com as práticas homossexuais. Além disso, consideraram que o câncer na boca e na garganta afeta a pessoas consumidoras de

tabaco e álcool e não associaram o câncer em canal anal, orofaringe e pênis com o HPV (**A1**).

A despeito do reconhecimento sobre a necessidade de prevenir comportamentos que os colocam em maior vulnerabilidade à infecção pelo HPV, os universitários de **A1** declararam que o preservativo perde sua utilidade quando há confiança no cônjuge; reconheceram que há dificuldades na hora da negociação com o parceiro; para eles a prevenção da infecção pelo HPV e do câncer do colo do útero está baseada na prática de exames ginecológicos. Nesta mesma lógica, em estudo com mulheres portadoras de HPV (**A4**), a existência de relações estáveis também influenciou no não uso de preservativos, tornando-se mais desafiador na medida em que há confiança no parceiro.

Ainda em relação à percepção de universitários acerca do HPV, destaca-se que a maioria dos participantes de **A5** citou esse agravo em terceira ou quarta posição de importância em relação a outras IST, sendo precedido pelo HIV/Aids, sífilis e gonorreia. Esta referência foi maior entre os estudantes do sexo feminino, o que sinaliza, segundo os autores, para duas questões: intensificação da atividade sexual entre jovens e a crença de que o HPV acomete mais as mulheres, o que reforça o atravessamento da temática pelas questões de gênero.

## **Categoria 2: Atitudes e práticas promotoras e não promotoras de saúde relativas à infecção pelo HPV e câncer do colo do útero**

O início da atividade sexual precoce, troca frequente de parceiros e a possibilidade de atividades sexuais sem o uso do preservativo são referidos como situações que podem aumentar as chances de contrair a infecção pelo HPV, ou seja, práticas que concorrem para a não promoção da saúde dos sujeitos estudados (**A4**). Esses dados são reforçados pelo estudo **A5**, na medida em que aí também se encontra que a intensificação da atividade sexual, a falta de informação acerca do próprio vírus, dos sinais e sintomas da infecção, das formas de transmissão e da sua relação com o câncer do colo do útero contribuem para que as mulheres sintam-se mais expostas ao HPV do que os homens, o que pode levar a atitudes não promotoras de saúde. Frente a esta apreensão cabe lembrar que atitude, neste

estudo, refere-se a sentimentos, predisposições e crenças direcionadas à determinada situação.

Os autores de **A4** destacam as consequências que a contaminação pelo HPV traz às pessoas, em especial às mulheres, ressaltando a sua indiscutível associação com o câncer do colo de útero. Nesse sentido, assinalam que quase metade das mulheres estudadas manifestou que seus companheiros sexuais tinham verrugas genitais e não se encontravam em tratamento, o que é revelador de uma predisposição corrente no ambiente estudado, ou seja, de uma atitude que tem potencial para recontaminá-las. Em relação a este achado, os autores mencionam que o envolvimento do parceiro sexual no tratamento das IST representa um desafio no campo da atenção à saúde sexual, ou seja, da promoção da saúde (**A4**).

Chama a atenção o fato de que no estudo **A5** poucos, particularmente os homens, mencionaram de forma espontânea a vacina como recurso preventivo contra o vírus HPV. No entanto, afirmada a capacidade de proteção desse imunobiológico, quase todas as alunas mostraram-se dispostas a recebê-la.

Em estudo que avaliou as atitudes e as práticas das adolescentes quanto à prevenção do câncer do colo do útero e infecção pelo HPV, a variável idade das meninas, a escolaridade dos pais, a renda familiar e o estado marital das adolescentes exerceram influências nas suas atitudes referentes à prevenção do câncer do colo do útero e à realização do exame Papanicolau. Assim, as adolescentes mais velhas (18 a 19 anos) e aquelas com companheiro tiveram comportamento positivo quanto à prevenção do câncer do colo do útero. As adolescentes que nunca fizeram esse exame referiram, como motivo, a vergonha e o medo (**A7**).

### **Categoria 3: Práticas de promoção da saúde, com foco na educação para prevenir o HPV e o câncer do colo do útero**

Alguns estudos analisados tratam, com certa especificidade, sobre ações de promoção da saúde, com foco na educação para prevenir o HPV e, consequentemente, o câncer do colo do útero. Nesta perspectiva, o estudo **A3** avalia a aplicabilidade de uma cartilha educativa para a prevenção de infecções e neoplasias ocasionadas pelo HPV. Para isso, na primeira etapa da investigação



foram analisadas respostas de 200 voluntários, trabalhadores de órgão público e cuja escolaridade estava entre nível médio e superior, relativas a questões de um instrumento de múltipla escolha, o que se deu após a leitura da cartilha. Cabe destacar que não havia, nesta etapa, a exigência de conhecimento prévio sobre o HPV. Assim, os achados do estudo apontam que 90% do grupo compreendeu o conteúdo abordado pelo instrumento informativo no que diz respeito aos seguintes aspectos: meio de transmissão, regiões do corpo afetadas pela infecção, diagnóstico e prevenção. Quanto à participação do HPV na etiologia do câncer do colo do útero, os autores apontam que 74% dos participantes assimilaram essa informação. Apesar desses resultados, considerados não suficientes pelos autores, pelo fato de 98% dos entrevistados terem afirmado gostar da apresentação e das informações, o estudo conclui que a cartilha atendeu as expectativas, despertando o interesse dos leitores para as formas de prevenção do HPV.

Na segunda etapa desse estudo, após a análise das respostas dos questionários, a cartilha foi reproduzida e distribuída em um evento de saúde a 2.000 pessoas. Destas, 500 mulheres, no evento, após a leitura do material, buscaram informações adicionais, parâmetro usado pelos pesquisadores como positivo para a aplicabilidade do material educativo. Ademais, concluem que o “estudo contribuiu para melhorar os horizontes de possibilidades para a educação em saúde e para dinamizar o acesso à informação por parte da população leiga” (A3, p. 1059).

O estudo A4 reforça a necessidade de trabalho preventivo e de promoção da saúde no sentido de minimizar os agravos oriundos da infecção pelo HPV, especialmente em mulheres jovens. Os achados mostram que os casos dessa infecção são frequentes nesta população, indicando, por isso, estratégias de educação que proporcionem maior conhecimento acerca do exame citopatológico e que as despertem à importância da sua realização. Além disso, os autores argumentam que a prevenção, por meio da educação, é uma estratégia de baixo custo e fácil acesso.

Ainda nesse estudo, há o destaque para a necessidade de maior investimento por parte dos serviços de saúde de atenção primária a fim de desenvolver estratégias de promoção da saúde que diminuam os medos, constrangimentos e os tabus comuns entre mulheres que se submetem ao exame



de Papanicolau, de modo a identificar precocemente os casos de câncer e prevenir a transmissão da infecção pelo HVP e outras IST (**A4**).

Partindo da aplicação de um questionário, no artigo **A5** jovens estudantes responderam que as medidas preventivas no campo da saúde sexual giram em torno da gravidez. Eles não reconheceram cuidados relativos à prevenção da infecção pelo HPV, o que indica, segundo o estudo, que essa infecção ainda é uma novidade, evidenciando ausência de informações básicas, de ações educativas sobre os efeitos do HPV e de esclarecimentos no plano de prevenção da transmissão das IST em geral, particularmente no contexto onde os jovens selam uma relação de compromisso baseada no respeito e confiança.

Proporção significativa de alunos, no **A5**, referiu que obteve conhecimento sobre o HPV via meios de comunicação, mais da metade referiu dialogar com os familiares sobre o tema, seguido de profissionais das escolas e serviços de saúde. Quase todos os jovens afirmaram que gostariam de obter mais informações sobre IST/HPV, articulando-os ao campo da educação sexual. Sugeriram, para isso, palestras nas universidades e escolas, programas em mídias tradicional e eletrônica, sendo esta uma forma de tratarem a temática com mais privacidade.

## **DISCUSSÃO**

Referente aos resultados emergentes da análise dos elementos pré-textuais das oito publicações em análise, infere-se que possivelmente em razão da temática desta revisão representar um problema de saúde pública, cinco dos oito artigos analisados encontram-se em periódicos da saúde pública e coletiva. Nesse sentido, destaca-se novamente que a infecção pelo vírus HPV é a IST mais frequente mundialmente, figurando entre as dez principais demandas aos serviços de saúde, com um total de infectados que representam cerca de três vezes a população brasileira<sup>4</sup>. Além disso, cerca de 10% da população feminina mundial é portadora desse vírus<sup>2</sup>.

Cabe ressaltar que não se obteve uma concentração de obras que associassem promoção da saúde, incluída a educação, com a prevenção da infecção pelo HPV em período próximo ao ano de instituição da vacina HPV quadrivalente no Programa Nacional de Imunização, que ocorreu em 2014 no Brasil.

Esse resultado talvez indique que a prevenção desses agravos centrava-se à época, no cenário brasileiro, em um modelo tradicional de atenção à saúde, voltado mais exclusivamente ao rastreamento do câncer do colo do útero e à vacinação contra o HPV do que na dimensão da educação popular em saúde.

Para além disso, considera-se necessário asseverar, à luz do pensamento de estudiosos da educação em saúde, que, apesar dos objetivos da 'nova' saúde pública, cuja ênfase está na promoção da saúde, entendida como um investimento na autonomia dos sujeitos para a tomada de decisões nesse campo, que se dá pela intervenção em condicionantes estruturais, a educação em saúde permanece, quase sempre, centrada na responsabilidade individual e na prevenção da doença<sup>13</sup>. Percebe-se, dessa forma, que a prática educativa no campo da saúde fundamenta-se no modelo bancário de educação, a despeito das transformações no discurso.

Outro aspecto a enfatizar é que dos autores que foi possível identificar a profissão quatro são da enfermagem, o que parece indicar interesse dessa categoria profissional no campo da promoção e da educação em saúde voltada à temática desta revisão.

Da análise, chama a atenção o fato de somente duas investigações terem abordagem qualitativa, visto que o planejamento de atividades de promoção da saúde, pelo viés da educação, tanto permanente quanto popular, nos parece demandar o entendimento dos significados acerca do que seja saúde e não saúde para os sujeitos e grupos sociais com quais os profissionais de saúde interagem, de suas crenças, atitudes e práticas a esse respeito. Nesta lógica, estudos com abordagem qualitativa, cujo foco está na busca dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que orientam indivíduos e/ou seus grupos na tomada de decisões frente a diferentes situações do mundo da vida<sup>10</sup>, possivelmente forneçam subsídios importantes para esses planejamentos.

No que tange às categorias analíticas emergentes nesta revisão, ressalta-se que os conhecimentos, as atitudes e as práticas apreendidas entrelaçam-se entre si, o que dificultou a construção de cada uma delas, ocorrendo de, por vezes, situações categorizadas como conhecimento, por exemplo, ter, de certa forma, aspectos de outras dimensões do modelo CAP, cujos conceitos foram usados no exercício desta categorização.

Diante dessa dificuldade, assinala-se que a produção de modelos teóricos

parte do suposto de que toda realidade social é complexa e, em certa medida, inatingível e, por isso, solicita a criação de modelos com o objetivo de organizar, provisoriamente, esta realidade, de forma a estudá-la empiricamente<sup>14</sup>. Sendo assim, este estudo revela que as três dimensões do modelo CAP são de difícil separação, tanto no campo acadêmico-científico quanto, possivelmente o seja, no cotidiano dos sujeitos, pois conhecimento de determinada temática influencia as atitudes e as práticas dos sujeitos e seus grupos sociais, assim como as atitudes exercem influência sobre suas decisões, as quais dizem respeito às práticas, superando a força que, em tese, possa ter qualquer conhecimento.

A partir desse entendimento, cabe destacar que a desinformação sobre o HPV, reveladora de carência de conhecimento científico sobre o tema, somado a outros fatores, tais como a falta de oferta de ações preventivas, colocam as pessoas em risco de contágio e de seus posteriores efeitos. Para além disso, essa lacuna motiva também a não adesão ao exame preventivo do câncer do colo do útero, o que coloca os sujeitos em situação de maior vulnerabilidade a este tipo de câncer. Tudo isso indica a necessidade de aprofundamento da temática, de avaliação das situações que tornam os sujeitos sociais vulneráveis, bem como de utilização de técnicas e linguagens apropriadas em ações e/ou programas de educação em saúde<sup>15-17</sup>.

No planejamento dessas ações e/ou programas, os gestores e profissionais necessitam levar em conta a debilidade dos resultados de atividades de caráter “campanhista”, atentando para a potência da educação permanente e a popular em saúde, o que será aprofundado mais adiante.

Percebe-se, por meio dos achados, que o reconhecimento da infecção pelo HPV tende a ser potencializado por parte de adolescentes, jovens, adultos e idosos, de ambos os sexos, na medida em que desenvolvem a consciência dos riscos relacionados às vivências sexuais, o que, em nosso entendimento, reforça as recomendações já mencionadas<sup>18</sup>.

Outro ponto de convergência entre as publicações analisadas refere-se às diferenças de conhecimentos entre homens e mulheres, independentemente da faixa etária, acerca da temática HPV/câncer do colo uterino. Nesse sentido, um dos estudos analisados, a partir da noção de que a saúde da mulher é a principal afetada e que o homem é portador assintomático e propagador do vírus HPV, recomenda

fomentar atividades de autocuidado nas práticas sexuais seguras<sup>19</sup>.

Com isso, os profissionais da saúde, dentre esses os enfermeiros, podem, ao implementar ações relativas ao processo de ensino-aprendizagem, estabelecer estratégias para minimizar as consequências derivadas dos elementos inadequados relacionados com os comportamentos das pessoas, o que, na perspectiva teórica deste estudo, se remetem a atitudes e práticas dos distintos sujeitos sociais<sup>17</sup>.

Nessa mesma lógica, a desinformação e os conhecimentos equivocados, especificamente por parte de adolescentes, são apontados em estudo mexicano, aqui analisado, como achados importantes para a enfermagem, uma vez que os jovens compõem a população de maior risco para a infecção pelo HPV e suas percepções são pouco abordadas em atividades de promoção da saúde. Tais percepções poderiam, segundo os autores, fornecer subsídios no desenvolvimento de estratégias preventivas e abordagens diferenciadas nos programas de educação sexual e sexualidade, bem como contribuir na qualificação dos profissionais a fim de proporcionar cuidado integral a esse contingente de pessoas<sup>20</sup>.

Contudo, apesar da preocupação relativa às questões de gênero manifestada nas publicações estudadas, chama-nos a atenção a recomendação do autocuidado, que, se analisada pelo sentido estrito desta expressão, remete a estratégias de cuidado que responsabiliza o sujeito de forma individual e não compartilhada, como seria de se esperar quando se trata de um agravo que é transmitido por via sexual. Neste sentido, antropólogo com formação em saúde coletiva contribui quando questiona o conceito de autocuidado, que, na sua percepção, é algo que se reduz a um comportamento exclusivamente individual, sintonizado com propostas econômico-sociais neoliberais, distanciadas das proposições da saúde coletiva, que considera que a atenção à saúde diz respeito ao grupo social, ao contexto em que os sujeitos se inserem, e não ao indivíduo exclusivamente<sup>14</sup>.

Além disso, remeter a responsabilidade pelos agravos à saúde, e respectivos cuidados, somente ao indivíduo, e aqui mais especificamente a responsabilidade pelas estratégias de prevenção da infecção pelo HPV, tem consonância com o modelo de educação bancária, trazido na introdução deste estudo. Este modelo prescreve “modos de ser e viver”, tornando os sujeitos-educandos culpados pelos seus problemas de saúde, o que ocorre na medida em

que eles não seguem à risca as prescrições recebidas<sup>6-7</sup>. Há nesses dois modelos – do autocuidado e da educação bancária – uma desconsideração de que os agravos à saúde têm influência de aspectos sociais, culturais e financeiros, para além dos desejos e das decisões dos sujeitos e seus grupos sociais.

Nesta perspectiva, reflexão sobre o potencial libertador e promotor de autonomia, propiciados pela educação em saúde ancorada no autocuidado, questiona se este não seria mais um investimento na submissão dos sujeitos do que uma ação promotora de emancipação. De acordo com a autora dessa reflexão, a prevalência do autocuidado como um possível e desejável resultado dos empreendimentos educativos em saúde, comum no âmbito da enfermagem, associa-se à ideologia do individualismo, onde é central a noção de autonomia individual<sup>13</sup>, o que se coaduna com as noções do neoliberalismo já mencionadas<sup>14</sup>. A autora, em uma espécie de resposta a esse questionamento, defende que:

A forte influência desta ideologia no campo da saúde tem, pelo menos, duas origens: a formação em saúde – ainda fortemente impregnada pelo paradigma biomédico, e, assim, pouco porosa a compreensões socioantropológicas acerca da saúde e da não saúde; e na racionalidade política que predomina na atualidade, a qual é definidora do neoliberalismo como regime hegemônico. No primeiro caso, um problema importante, é que a formação é fundamentada em teorias cognitivo-comportamentalistas que configuram processos de aprendizagem focados na transmissão de informações e mudanças de atitudes. Não raro, esta formação negligencia os determinantes sociais e culturais da saúde, individualizando os processos de adoecimento<sup>13:187</sup>.

Uma possível solução para a problemática trazida até aqui, consoante a autora da reflexão que serve de aporte à discussão dos achados desta revisão, talvez esteja na escuta do outro, que é o sujeito do nosso cuidado, e na escuta do próprio 'eu', a fim de produzir projetos de cuidado reflexivos distanciados de prescrições e verdades descontextualizadas e autoritariamente impostas. Nessa lógica, a escuta do outro permite que sejamos conhecedores e sensíveis aos seus desejos. Ela possibilita uma troca de posição com este outro a partir do reconhecimento de que nele há certa projeção de nós mesmos<sup>13</sup>.

No contexto da problemática da infecção pelo HPV e sua relação com as altas taxas de câncer do colo do útero, ainda na lógica da escuta do outro e de si mesmo, percebe-se que a educação popular em saúde, tal qual foi apresentada na

introdução deste estudo, pode ser mobilizadora e potente para a mudança do quadro epidemiológico relativo a esses agravos. Mas, para isso, acredita-se também que há de se realizar mudanças no *modus operandi* das equipes de saúde. Desta forma, parece-nos necessário transformações no processo de educação dos profissionais. Nessa perspectiva, emerge como dispositivo capaz ou, pelo menos, com potência para isso, a educação permanente em saúde.

A educação permanente em saúde precisa ser entendida como uma prática de ensino-aprendizagem, que considera o cotidiano das instituições de saúde e a realidade vivida pelos seus atores. Entrelaça-se, nesta acepção, com o conceito de ensino problematizador e aprendizagem significativa<sup>21</sup>, o que vai ao encontro da concepção de educação popular trazida nesta revisão.

Assim, a educação permanente em saúde insere-se de maneira crítica na realidade, sem superioridade do educador em relação ao educando, interessada nas experiências anteriores e nas vivências pessoais, embasando-se na produção de conhecimentos que gerem novos universos de experiências e vivências. Coloca-se em questão, desta forma, a relevância social do ensino, as articulações da formação com as mudanças no campo do conhecimento e do exercício profissional, trazendo, em simetria com os saberes técnicos e científicos, as dimensões éticas da vida, do trabalho, do homem, da saúde, da educação e das relações<sup>21</sup>.

A educação permanente coloca em evidência a necessidade de mudança, transformação ou crescimento, o que vem da percepção de que a maneira vigente de fazer ou de pensar alguma coisa está insatisfatória ou insuficiente para dar conta dos desafios do trabalho em saúde<sup>21</sup>. Ao analisarem-se as considerações finais das publicações desta revisão, percebe-se que quase todas elas, de certa forma, ancoram-se nestas concepções de educação.

Essa percepção nos autoriza a acreditar na educação permanente em saúde como alternativa potente para minimizar a problemática atual relativa à infecção pelo HPV e, conseqüente, câncer do colo do útero, na medida que contribui na qualificação da atuação dos profissionais de saúde, incluídos os enfermeiros, que estarão em atitude de escuta às demandas dos usuários.

A partir do entendimento acerca da educação popular em saúde, remetendo-se especificamente à promoção da saúde com vistas à problemática do HPV e câncer do colo do útero, considera-se fundamental dialogar com as práticas e

concepções vigentes, problematizá-las e construir novos pactos de convivência e de práticas. Esse movimento irá configurar a educação permanente em saúde em uma pedagogia que opera pelo desenvolvimento de si, do trabalho e atuação da pedagogia em ato. Isto ocorre na medida em que se estabelece o contato com as informações e com movimentos de transformação da realidade, promovendo-se a análise permanente das práticas cotidianas de saúde, de modo a operar uma atuação crítica, reflexiva, propositiva, compromissada e tecnicamente competente<sup>21</sup>, o que, no caso específico deste estudo, se volta às formas de prevenir a infecção pelo HPV e, com isso, reduzir a taxas de câncer do colo do útero.

Referente às crenças, tabus, conhecimentos e práticas de jovens e adolescentes a fim de implementar ações de promoção da saúde a esse contingente de pessoas, cabe a lembrança de que na realidade brasileira os profissionais são pouco preparados para prestar assistência a esse grupo de usuários e que os serviços nem sempre são organizados para atendê-los, sendo, por isso e por outros motivos, pouco atrativos para eles. Uma das razões para isso está no modelo tradicional de sociedade em que vivemos, na qual o adolescente, por exemplo, não é percebido em sua singularidade e especificidades. Em consequência, no modelo atual de atenção à saúde, o profissional estabelece uma relação vertical com esses sujeitos, impondo-lhe normas de conduta, o que os coloca em uma posição de inferioridade e até de passividade, retirando deles não só a autonomia, como também a responsabilidade por seus atos<sup>22</sup>.

A manifestação das temáticas de interesse dos participantes da publicação **A4** evidencia que o jovem, quando colocado como protagonista do processo educativo, sabe apontar suas demandas, o que talvez contribua para que as ações sejam mais democráticas, atrativas e, em consequência, mais eficazes.

Os resultados deste estudo parecem validar as proposições de educação permanente e de educação popular no âmbito da saúde, indo ao encontro, também, da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), mais especificamente ao Programa Saúde na Escola (PSE), que vem contribuindo, através de ações integrativas, da participação da comunidade escolar nos programas e projetos que articulam saúde, educação e as redes intersetoriais, para o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, impactando positivamente na qualidade de vida dos educandos<sup>23-24</sup>.



A escola é um espaço privilegiado para práticas de promoção da saúde, com possibilidade de sensibilização de jovens para atuarem como multiplicadores entre seus pares acerca de temáticas relativas aos direitos sexual e reprodutivo, bem como à prevenção das IST/Aids, no que se inclui o HPV. A partir disso, estas ações podem possibilitar a garantia de oportunidades equitativas para que os educandos façam escolhas mais favoráveis, tornando-se protagonistas do processo de produção da própria saúde e, por meio disso, produzindo melhorias na sua qualidade de vida<sup>23-24</sup>.

Diante disso, considera-se que a promoção da saúde no âmbito escolar, envolvendo estudantes, professores, pais e colaboradores necessita partir do que cada um desses sujeitos sabe e do que eles podem fazer. Desse modo, conforme apontamentos de documentos do Ministério da Saúde, profissionais de saúde e de educação, no desempenho de suas atividades, ancorados nesses princípios, tenderão a assumir uma atitude permanente de empoderamento dos estudantes, professores e colaboradores das escolas, fundamento basilar na promoção da saúde<sup>23</sup>. A partir dessa atitude, o conjunto social que constitui o cenário escolar saberá o que está acontecendo no âmbito da escola e para que servem as ações realizadas, o que, possivelmente, refletirá positivamente na vida de cada um e de todos.

Conclui-se, desse modo, conforme preconizado no PSE<sup>23-24</sup>, cujos aportes vão ao encontro do referencial teórico da educação popular e da educação permanente em saúde, e, considerando-se também os resultados desta revisão narrativa, que a articulação entre escola, unidades de saúde e comunidade constitui-se em importante dispositivo para o controle das taxas de infecção pelo HPV e, conseqüentemente, do câncer do colo do útero.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando-se o objetivo desta revisão narrativa, emerge que as publicações analisadas têm, em sua maioria, como preocupação central as percepções e/ou o conhecimento sobre a infecção pelo HPV e sua relação especialmente com o câncer do colo do útero. Para além disso, alguns estudos centram-se nas atitudes e práticas dos indivíduos, especialmente adolescentes e

jovens, acerca da prevenção dessas duas comorbidades.

Há unanimidade entre as publicações acerca do *déficit* de conhecimento dos participantes dos estudos acerca da temática, cabendo lembrar que cinco publicações que compõe esta revisão são brasileiras. Assim, parece-nos adequado inferir que parte da população que utiliza o SUS tem conhecimentos limitados em relação ao vírus HPV, aos fatores de risco e às formas de transmissão. Frente a isso, atividades educativas ancoradas nas concepções da educação popular e permanente poderiam contribuir na redução das taxas de infecção e, conseqüentemente, do câncer de colo de útero.

Da análise emerge um conjunto de desafios que se referem aos profissionais, no que se insere o enfermeiro, bem como aos usuários dos serviços de saúde. Dentre esses, destacam-se: a superação do modelo de promoção da saúde baseada apenas em exames de rastreamento e que seja de caráter individual e culpabilizante; a necessária sensibilização do parceiro sexual no tratamento das IST; a importância de entender-se, de forma compartilhada com o usuário do serviço de saúde, os motivos pelos quais sua procura por um profissional da saúde se dá somente quando apresentam-se sinais e sintomas das infecções do trato reprodutivo; a urgência de tornar os espaços familiar, escolar e de saúde adequados a processos pedagógicos libertários, favorecendo a quebra de tabus, medo e vergonha.

Questões estruturais do mundo do trabalho dos profissionais da atenção primária em saúde apresentam-se também como desafios a serem superados. Nessa perspectiva, ancorados nos resultados, mas também na vivência empírica dos pesquisadores, aponta-se a sobrecarga na rotina de trabalho das equipes de saúde, o que parece configurar-se em uma das fragilidades dos serviços de saúde que contribui, dentre outros fatores, para que as atividades assistenciais foquem-se no tratamento e controle de doenças. Com isso, muitas vezes, a realização de atividades de promoção da saúde fica em segundo plano, o que contribui para tornar os serviços de saúde pouco resolutivos a médio e longo prazo no que se refere à redução das taxas da infecção pelo HPV e controle do câncer do colo do útero.

O estudo indica a necessária reflexão sobre as práticas no campo da saúde, e aqui da saúde sexual e reprodutiva, bem como sobre os referenciais teóricos que as fundamentam, de modo que esses atendam as demandas, em especial, dos adolescentes e jovens considerando seus condicionantes sociais. Essa reflexão

precisa levar em conta que o desenvolvimento de tecnologias leves, dinamizadoras dos processos cuidadosos e educacionais e essenciais para adequada promoção da saúde, necessita considerar também o salto tecnológico dos últimos anos, em que a informação, via distintas mídias, permeia o cotidiano desse grupo populacional. Nessa lógica, essas tecnologias leves necessitam estar em sintonia com a facilidade e a rapidez desse mundo tecnológico, a fim de se tornarem atrativas para adolescentes e jovens.

Além disso, considera-se que as práticas de promoção à saúde necessitam dedicar-se à discussão das relações de gênero, a fim de buscar-se a equidade entre homens e mulheres, o que contribuirá na produção da corresponsabilidade entre parceiros na prevenção do HPV.

Como uma das limitações deste estudo aponta-se a restrição à realidade brasileira e aos países de língua espanhola. Por outro lado, acredita-se que uma de suas contribuições seja o de auxiliar, de alguma forma, no fomento à reflexão dos profissionais de saúde, em especial enfermeiros, para a reorientação das práticas de promoção à saúde, pela via da educação popular e permanente alicerçada na escuta do outro e de si, a fim de auxiliar na redução das taxas da infecção pelo HPV e também do câncer do colo do útero, dada a estreita relação entre esses dois agravos à saúde. O estudo contribui também no sentido de evidenciar a necessária reorientação das práticas de promoção à saúde pelo viés da intersetorialidade, em especial com a educação, seja ela formal ou informal.

Sugere-se que novas pesquisas, utilizando-se de outros métodos, a exemplo da revisão integrativa e sistemática e estudos com abordagem qualitativa, bem como outros recortes temporais, sejam empreendidas com a finalidade de dar escuta aos diferentes sujeitos sociais e, com isso, ampliar os conhecimentos sobre a temática e contribuir na melhoria das intervenções junto à população vulnerável à infecção pelo HPV e, consequentemente, ao câncer do colo do útero. Considera-se importante, também, o acompanhamento epidemiológico e os impactos decorrentes da utilização da vacina contra o HPV nos meninos de 12 e 13 anos que estão disponíveis desde janeiro de 2017 no Brasil.

**REFERÊNCIAS**

1. Organização Mundial de Saúde. Mulheres e saúde: evidências de hoje, agenda de amanhã. [Internet]. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2011. [acesso em 2016 set 14]. Disponível em: [http://www.who.int/ageing/mulheres\\_saude.pdf](http://www.who.int/ageing/mulheres_saude.pdf).
2. Instituto do HPV. Instituto Nacional das Doenças do Papilomavírus Humano. Guia do HPV: entenda de vez o Papilomavírus humano, as doenças que causam e o que já é possível fazer para evitá-los. [Internet]; 2013. [acesso em 2016 mar 21]. Disponível em: [http://www.incthpv.org.br/upl/pdf/130198401720254616\\_Guia%20do%20HPV%20Julho%202013.pdf](http://www.incthpv.org.br/upl/pdf/130198401720254616_Guia%20do%20HPV%20Julho%202013.pdf).
3. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças Transmissíveis. Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. Guia Prático sobre o HPV: perguntas e respostas. [Internet]; Brasília; 2013. [acesso em 2016 mar 21]. Disponível em: [http://www.suvisa.ba.gov.br/sites/default/files/Guia%20Pr%C3%A1tico%20HPV%20Perguntas%20e%20Respostas\\_0.pdf](http://www.suvisa.ba.gov.br/sites/default/files/Guia%20Pr%C3%A1tico%20HPV%20Perguntas%20e%20Respostas_0.pdf).
4. Instituto Nacional de Câncer (INCA). Estimativa 2016 incidência de câncer no Brasil. [Internet]. Ministério da saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Rio de Janeiro; 2015. [acesso 2016 mar 21]. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/estimativa/2016/estimativa-2016-v11.pdf>.
5. Organização Mundial de Saúde (OMS). Carta de Ottawa. Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. [Internet]. Ottawa, novembro de 1986 . [acesso em 2016 nov 17]. Disponível em: <http://cmdss2011.org/site/wp-content/uploads/2011/07/Ottawa.pdf>.
6. Maciel MES. Educação em saúde: conceitos e propósitos. Cogitare Enferm. [Internet]. 2009;14(4):773-6. [acesso em 2016 set 15]. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/geografia\\_da\\_saude-2014/leitura%202/educa%E7%E3o%20em%20sa%FAde%202.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/geografia_da_saude-2014/leitura%202/educa%E7%E3o%20em%20sa%FAde%202.pdf).
7. Souza IPMA de, Jacobina RR. Educação em Saúde e suas versões na história brasileira. Revista Baiana de Saúde Pública 2009;33(4):618-27.
8. Brum CN de, Zuge SS, Rangel RF, Freitas HMB de, Pieszak GM. Revisão narrativa da literatura: aspectos conceituais e metodológicos na construção do conhecimento da enfermagem. In: Lacerda MR, Costenaro RGS. (Org.). Metodologias de pesquisa para enfermagem e saúde: da teoria à prática. Porto Alegre: Moriá; 2015, p.123-42.
9. Daandels N, Arboit EL, Van Der Sand ICP. A produção de enfermagem sobre depressão pós-parto. Cogitare Enferm. [Internet]. 2013;18(4):782-8. [acesso em 2015 out 08]. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/34937/21689>.

10. Minayo MCS. Desafios do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec; 2014.

11. Marinho LAB, Costa-Gurgel MS, Cecatti JG, Osis MJD. Conhecimento, atitude e prática do auto-exame das mamas em centros de saúde. *Rev Saude Publica*. [Internet]. 2003;37(5):576-82. [acesso em 2016 nov 11]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v37n5/17471.pdf>

12. Rocha ACP, Feliciano AB, Carbol M, Candolo C, Callegari FVR. Conhecimentos, atitudes e prática de médicos e enfermeiros da Estratégia Saúde da Família em relação à incontinência urinária feminina. *Rev Bras Med Fam Comunidade*. [Internet]. 2015;11(38):1-13. [acesso 2016 nov 11]. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.5712/rbmfc11\(38\)1146](http://dx.doi.org/10.5712/rbmfc11(38)1146).

13. Oliveira LLC. A enfermagem e suas apostas no autocuidado: investimentos emancipatórios ou práticas de sujeição? *Rev Bras Enferm*. [Internet]. 2011;64(1):185-8. [acesso 2016 dez 16]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n1/v64n1a27.pdf>.

14. Menéndez Spina EL. Entrevista: Eduardo Luis Menéndez Spina. *Trab. Educ. Saúde* [Internet]. 2012;10(2):335-45. [acesso 2016 dez 02]; Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tes/v10n2/09.pdf>.

15. Camaño-Puig R, Sanchis-Martinez MM. Vacuna contra el virus del papiloma humano en adolescentes: Análisis mediante grupos focales. *Rev. salud pública*. [Internet]. 2014;16(5):647-59. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rsap/v16n5/v16n5a01.pdf>.

16. Cirino FMSB, Nichiata LYI, Borges ALV. Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e HPV em adolescentes. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm*. [Internet]. 2010;14(1):126-34. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n1/v14n1a19.pdf>.

17. Jimenez Herrera LG. Conocimiento de estudiantes de la universidad de costa rica sobre el virus de papiloma humano, durante el II ciclo lectivo del año 2006, *Rev. costarric. salud pública* [Internet]. 2007;16(31):42-7. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <<http://www.scielo.sa.cr/pdf/rcsp/v16n31/3751.pdf>>.

18. Costa LA, Goldenberg P. Papilomavírus humano (HPV) entre jovens: um sinal de alerta. *Saude soc*. [Internet]. 2013;22(1): 249-61. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v22n1/22.pdf>>.

19. Gómez MLA, Lince SAP. Conocimientos que tienen los estudiantes de una universidad pública de Manizales sobre el Papillomavirus humano. *Hacia promoc. Salud* [Internet]. 2011;16(1):110-23. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3091/309126695008.pdf>.

20. Tamayo-Acevedo LS, Gil-Cano PA, Tamayo-Acevedo LE. Lo que no se ve, no existe: percepciones sobre cáncer y papilomavirus humano en jóvenes

universitários. Aquichan. [Internet]. 2015;15(2):253-70. [acesso 2016 mai 14]. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74140060008>.

21. Ceccim R, Ferla AA. Educação em Saúde. In: Pereira IB, Lima JCF (org.). Dicionário da Educação Profissional em Saude [Internet]. 2 ed. revisada e ampliada. Brasília/Rio de Janeiro: Ministério da Saúde/Fiocruz; 2009. p.162-67. [acesso em 2016 mai 05]. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/edupersau.html>.

22. Santos CC dos, Ressel LB. O adolescente no serviço de saúde. Adolesc. Saude, [Internet]. 2013;10(1):53-5. [acesso 2016 nov 12]. Disponível em: [file:///C:/Users/Isabel/Downloads/v10n1a08%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Isabel/Downloads/v10n1a08%20(1).pdf).

23. Brasil. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Programa Saúde na Escola. Caderno do gestor do PSE. [Internet]. Brasília(DF); 2015. [acesso 2016 dez 05]. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno\\_gestor\\_pse.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_gestor_pse.pdf).

24. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS): revisão da Portaria MS/GM, n. 687, de 30 de março de 2006. Brasília/DF, Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, 2014. [acesso 2016 dez 05]. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnps\\_revisao\\_portaria\\_687.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnps_revisao_portaria_687.pdf).